



**Aprender a ler e escrever na Itália no início do século XX.
O silabário *Api sui fiori* de Marcellina Cappelli Bajocco¹**

Imparare a leggere e scrivere in Italia nel primo Novecento.
Il sillabario *Api sui fiori* di Marcellina Cappelli Bajocco

Learning to read and write in Italy in the early 20th century.
The *Bees on Flowers* primer by Marcellina Cappelli Bajocco

Aprender a leer y escribir en la Italia de principios del siglo XX.
La cartilla *Bees on Flower* de Marcellina Cappelli Bajocco

Michela D'Alessio
Università della Basilicata (Itália)
<https://orcid.org/0000-0002-6396-3336>
michelina.dalessio@unibas.it

Nicole Panzera
Università del Molise (Itália)
<https://orcid.org/0009-0006-2782-0879>
nicole.panzera@unimol.it

Resumo

Marcellina Cappelli Bajocco (1885-1964) representa o perfil da geração de professoras primárias formadas na Itália no início do século XX. Após obter o diploma de professora primária em 1903, na escola normal de Camerino, iniciou sua atividade profissional em escolas rurais da região, desenvolvendo uma sensibilidade para iniciativas destinadas a combater o analfabetismo. Mas foi nos anos que se seguiram ao fim da Primeira Guerra Mundial que a professora produziu um verdadeiro curso de leitura intitulado *Api sui fiori* [Abelhas nas flores], composto de um silabário e de livros de leitura para as outras séries do ensino primário. Este artigo propõe-se examinar a gênese do silabário e do primeiro livro de leitura destinados à alfabetização inicial, e sua estrutura e articulação, a fim de destacar a originalidade dos temas propostos às crianças em idade escolar, tanto do ponto de vista metodológico quanto conteudista, com base nos modelos educacionais adquiridos durante o aperfeiçoamento da escola pedagógica.

Palavras-chave: Silabários; Alfabetização; Métodos de aprendizagem da leitura e da escrita; Itália, século XX; Marcellina Cappelli Bajocco.

¹ A introdução e os itens 1, 1.2 e 2 foram redigidos por Michela D'Alessio; os itens 1.3, 3, 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4 foram redigidos por Nicole Panzera. As conclusões são compartilhadas.

Riassunto

Marcellina Cappelli Bajocco (1885-1964) rappresenta il profilo della generazione di maestre formatesi in Italia all'inizio del Novecento. Dopo aver conseguito il diploma di maestra elementare nel 1903 presso la scuola normale di Camerino, iniziò la sua attività professionale nelle scuole rurali della provincia maturando la sensibilità verso le iniziative finalizzate al contrasto all'analfabetismo. Ma è negli anni che seguono la fine della prima guerra mondiale che l'insegnante produce un vero e proprio corso di lettura, intitolato *Api sui fiori*, composto dal sillabario e dai libri di lettura per le altre classi elementari. Il contributo si propone di esaminare la genesi del sillabario e del primo libro di lettura destinati alla prima alfabetizzazione, la sua struttura ed articolazione per rilevarne la originalità nei temi proposti all'infanzia scolastica sia dal punto di vista metodologico che contenutistico, attingendo ai modelli educativi acquisiti durante il perfezionamento della scuola pedagogica.

Parole chiave: Sillabari; Alfabetizzazione; Metodi di apprendimento lettura e scrittura; Italia XX secolo; Marcellina Cappelli Bajocco.

Abstract

Marcellina Cappelli Bajocco (1885-1964) represents the profile of the generation of schoolteachers trained in Italy at the beginning of the 20th century. After graduating as an elementary school teacher in 1903 at the normal school in Camerino, she began her professional activity in the province's rural schools, developing a sensitivity towards initiatives aimed at combating illiteracy. But it was in the years following the end of the First World War that the teacher produced a real reading course, entitled Bees on Flowers, consisting of the primer and reading books for the other elementary classes. The contribution aims to examine the genesis of the primer and the first reading book intended for early literacy, its structure and articulation in order to detect its originality in the themes proposed to schoolchildren from both the methodological and content points of view, drawing on the educational models acquired during the perfecting of the pedagogical school.

Keywords: Primers and reading books; Literacy; Methods of learning to read and write; Italy 20th century; Marcellina Cappelli Bajocco.

Resumen

Marcellina Cappelli Bajocco (1885-1964) representa el perfil de la generación de maestros de escuela formados en Italia a principios del siglo XX. Tras graduarse como maestra elemental en 1903 en la escuela normal de Camerino, inició su actividad profesional en las escuelas rurales de la provincia, desarrollando una sensibilidad hacia las iniciativas destinadas a combatir el analfabetismo. Pero fue en los años que siguieron al final de la Primera Guerra Mundial cuando la profesora elaboró un verdadero curso de lectura, titulado Abejas sobre las flores, compuesto por el programa y los libros de lectura para las demás clases elementales. La contribución pretende examinar la génesis del syllabus y del primer libro de lectura destinado a la alfabetización precoz, su estructura y articulación, con el fin de detectar su originalidad en los temas propuestos a los escolares, tanto desde el punto de vista metodológico como del contenido, inspirándose en los modelos educativos adquiridos durante el perfeccionamiento de la escuela pedagógica.

Palabras claves: Cartillas; Alfabetización; Métodos de aprendizaje de la lectura y la escritura; Italia, siglo XX; Marcellina Cappelli Bajocco.

Recebido: 14/02/2025

Aprovado: 28/04/2025

Introdução: as leituras educativas para o povo e a juventude na escola unida italiana

Logo após a formação do sistema escolar nacional na Itália, os livros didáticos multiplicaram-se “de forma tão desmedida que pareciam lagartas vorazes e importunas espalhadas pelas escolas” e “choviam em profusão”, tanto que surgiu “a mania (entre tantas outras) dos novos livros escolares” (Marinelli, 1880, pp. 110-115). Registrou-se, de fato, uma produção excessiva de livros publicados pela indústria editorial, atraída pela rentabilidade do setor escolar emergente, com base em preocupações mais comerciais do que didáticas, nos processos de massificação cultural e produtivos que acompanharam o desenvolvimento do ensino obrigatório, gratuito e único, consagrado pela lei Casati. Por conseguinte, o Ministério da Educação italiano decidiu, desde os primeiros meses após o nascimento do Estado nacional, garantir um forte controle sobre a produção e a circulação dos livros a serem introduzidos nas escolas, ainda gravemente insuficientes para garantir a redução das altas taxas de analfabetismo. Periodicamente, os textos eram submetidos à revisão quer por organismos instituídos a nível provincial quer por organismos centrais (Barausse, 2008). Entre 1861 e 1897, de fato, os livros escolares passaram primeiro pelo crivo de um órgão central, o Conselho Superior de Educação. Após a reforma da administração escolar, o ministro Michele Coppino decidiu confiar a organismos administrativos descentralizados, os chamados conselhos escolares provinciais, a tarefa de preparar as listas dos livros escolares a serem autorizados para uso nas salas de aula. (Barausse, 2014, p. 109).

Entre os mais de cinco mil livros que aguardavam o parecer preventivo da Comissão nomeada pelo ministro Baccelli no final do século XIX, havia uma grande variedade de textos, nem sempre de qualidade tipográfica e didática apreciável. Entre eles, os livros destinados às primeiras séries do ensino primário - os silabários, as primeiras leituras de apoio ao silabário, o ábaco, os cadernos de caligrafia - eram produzidos principalmente por editoras piemontesas (Paravia, Loescher) e lombardas (Agnelli, Carrara, Trevisini, Vallardi), que ocupavam posições de destaque no panorama editorial da época, em comparação com as experiências mais conservadoras das editoras do sul, que, todavia, contavam com um grupo animado de pequenos tipógrafos ativos no setor (como o caso Carabba de Lanciano) e com algumas editoras importantes (Sandron, Morano). A geografia editorial especializada em material escolar (Chiosso, 2011) acabou se rearticulando, nas fases de aumento da produção na virada do século XX, quando assumiram um papel hegemônico gigantes como Bemporad e Mondadori que, pela capacidade produtiva e mentalidade empreendedora, absorveram gradualmente as pequenas tipografias provinciais a nível local. Nessa trajetória, situa-se a produção rica e bem-sucedida da editora Mondadori, que garante aos manuais escolares e aos livros de leitura a vantagem de uma capacidade de realização do produto material, associada aos progressos no plano da nova visão da infância, a partir dos aspectos de natureza psicológica, e aos aspectos mais propriamente gráficos. Nos primeiros vinte anos do século XX, a Mondadori colheu os benefícios das suas escolhas precoces no setor escolar-educacional - entre as quais a de confiar em professores-autores como, por exemplo, Cappelli Bajocco - que promoveram seu indiscutível sucesso (Rebellato, 2008, p. 15). O Silabário de que trataremos aqui, impresso pela própria Mondadori, apresenta todas as características de um produto de qualidade, a começar pelo cuidado tipográfico aliado ao do aparato iconográfico, ilustrado por Emilia Zampetti Nava, com seus 171 quadrinhos coloridos.

1. A pena de escritora das professoras e a produção educacional do início do século XX: o silabário de Marcellina Cappelli Bajocco *Api sui fiori*

Na história de Cappelli Bajocco é possível identificar a figura recorrente - na geração das professoras primárias formadas na Itália no início do século XX - da professora que entra para a redação de um jornal. Este é o primeiro lugar de inserção no mundo editorial, através

do qual se promove uma nova presença social feminina no duplo plano da profissão do magistério e da participação em circuitos culturais mais amplos. A trajetória comum das escritoras que se destacam na produção literária destinada à infância vê uma contiguidade temporal do empenho de um bom número delas entre a época umbertina e os primeiros vinte anos do século XX. (Borruso, 2012).

O percurso existencial e profissional de Marcellina Cappelli Bajocco - nascida em 31 de janeiro de 1885 em Muccia, na província de Macerata, formada no início do século XX nas escolas normais de Camerino, reformadas pelas diretrizes Gianturco, habilitada em 14 de julho de 1903 e diplomada como Professora de Jardim de Infância em 1905, vivenciando suas primeiras experiências nas escolas da região Marche entre 1903 e 1905, e inserindo-se nos ambientes editoriais animados por muitas presenças femininas do início do século XX, participando, portanto, de debates sobre as principais questões escolares, métodos educacionais e práticas didáticas - , permite-nos traçar uma trajetória individual que se torna exemplar da trajetória nacional, na evolução da identidade docente (D'Alessio, 2017). Acrescenta, portanto, um fio ao denso tecido do magistério recentemente restituído pelos estudos interessados em reconstruir os rostos, as marcas e a atuação de tantos operadores do alfabeto e da educação que por muito tempo permaneceram na penumbra: superando uma história geral da escola, até aqui centrada principalmente nas figuras de maior relevância institucional ou pública, agora voltada para destacar a presença molecular de educadores e educadoras resgatados de uma memória submersa. (D'Alessio, 2016).

Entre o final do século XIX e o início do século XX, assiste-se, de fato, à transição definitiva do “ofício” para a “profissão” docente, em virtude de uma reflexão pedagógica interessada em definir competências e qualidades, juntamente com a crescente autoconsciência dos professores e das ainda mais numerosas professoras do ensino primário da Itália sobre o próprio fazer educativo. Com a chegada do novo século, a carreira de magistério constitui uma categoria socialmente reconhecida e dotada de características identitárias precisas, bem como de instrumentos didáticos e pedagógicos adequados, com competências específicas para o ensino. (De Pol, 1998).

O modelo de professora primária que a jovem normalista Marcellina Cappelli Bajocco é levada a seguir é aquele assumido pela cultura pós-positivista, voltado para a formação e o desenvolvimento de habilidades didáticas, através da integração com o emergente herbartismo interessado na psicologia infantil. Seu posterior aperfeiçoamento em cursos de especialização em matérias pedagógicas a levará, já durante sua prática docente, a compartilhar a posição assumida por estudiosos e por homens (e mulheres) do ensino, reunidos em torno da personalidade de Luigi Credaro, tanto nas colunas da sua “Rivista Pedagogica” [Revista Pedagógica], quanto na recém-criada Escola de Aperfeiçoamento, iniciada em 1904 em Roma e frequentada por Cappelli Bajocco em 1908 (Barausse, 2004). Foi precisamente a mudança para a capital, após o casamento com Alfredo Bajocco, que sancionará sua aproximação a formas de colaboração no círculo credariano e em numerosos periódicos escolares, entre os quais “Rassegna femminile” [Revista feminina], “Giovanissima” [Super Jovem] e, sobretudo, “I Diritti della Scuola” [Os Direitos da Escola], cujo diretor, Annibale Tona, convidou-a a colaborar na revista para crianças “Vita rosea”. Em 1911, fez parte do primeiro núcleo de redatores da revista “Primavera” com Luigi Capuana, Paola Lombroso, Luigi di San Giusto, Olga Vissentini e outros.

A personalidade multifacetada de Marcellina Cappelli Bajocco destacou-se, portanto, no panorama da literatura escolar e infantil do século XX. O percurso formativo que empreendeu alimentará no tempo um forte interesse pedagógico, que se traduzirá em aptidão para a observação e intencionalidade de experimentação, quase laboratorial, nas experiências iniciais vivenciadas como professora primária na sua região e depois em Roma: essa abordagem didática prática pode certamente ser percebida nas escolhas e nas preferências dadas ao método fônico do ensino da leitura e da escrita (De Blasi, 1993; De Vivo, 1965; Lucchi, 1978, 1985; Gasperini, 1984; Genovesi, 1987; Raccuglia, 1893), que anima o seu *Silabário*.

Em 1919, de fato, começou a publicar um ciclo de leituras para as escolas primárias com o título *Api sui fiori* [Abelhas nas flores], pelo qual propôs a introdução de um método fonético no ensino da leitura e da escrita, com o objetivo de levar a criança a identificar os sons e sua pronúncia correta. Pela primeira vez, o silabário era estruturado como uma espécie de brincadeira e, por meio de um fio lógico que ligava os tópicos abordados, a criança tinha mais vontade de aprender. O *Silabário* responde plenamente, nesse sentido, a uma ideia de pedagogia científica, fruto da atenção aos aspectos psicológicos, biológicos e sociais do ato educativo, a começar pelo primeiro contato com as letras do alfabeto. Dele emerge, de fato, o domínio da Autora de um conhecimento metodológico adquirido nos ambientes educacionais e pedagógicos da virada do século XIX para o XX, orientados para caminhos inovadores, além de responderem às diretrizes dos programas ministeriais. O texto de Cappelli Bajocco reflete, a bem ver, os resultados da pesquisa de campo sobre soluções que respondessem à nova concepção da primeira infância e não separada, como é possível deduzir de alguns indícios de significado, das regras sociais transmitidas pelo próprio livro escolar para a aprendizagem da leitura.

Em 1929, no entanto, com a introdução do texto único do Estado, a Mondadori bloqueou a distribuição do livro da quinta série, apesar de a professora também ter colaborado com a revista “Il Balilla”. A rigidez das novas normas do partido fascista levou Cappelli a se aposentar e a se mudar para sua casa natal, onde continuou a aperfeiçoar seus estudos pedagógicos. Ao longo dos anos 30, não diminuiu sua produção, publicando uma série de leituras destinadas a contar as histórias de grandes italianos como Garibaldi ou Cristóvão Colombo. Na véspera da queda do fascismo, decidiu voltar para Roma e, em 1950, criou uma nova coleção de livros para a escola primária denominada *L'acqua che canta* [A água que canta], na qual implementou a introdução do método racional e sua ideologia de interdisciplinaridade da aprendizagem, embora distante das diretrizes ministeriais da época. Nos anos seguintes, não diminuiu seu empenho como escritora e autora de textos destinados à infância infantil. Na narrativa destinada ao mundo juvenil, destacou-se por uma produção orientada a conjugar os conteúdos da ciência na educação. A professora e escritora faleceu em Roma em 30 de junho de 1964.

1.1. Gênese do *Silabário*: a história editorial do projeto e a dimensão educativa

O *Silabário* é o primeiro dos sete volumes de uma coleção de leituras para as escolas primárias, publicada por Cappelli Bajocco com o título *Api sui fiori* [Abelhas nas flores]. A gênese do projeto editorial está ligada à evolução da pena de escritora de Cappelli que, como já referido, carrega a experiência da sua atividade como professora nas redações editoriais dos periódicos mais conceituados no âmbito do ensino primário, para depois se tornar uma das autoras mais consagradas da produção literária para a infância no século XX. O exercício da escrita nos debates pedagógicos e didáticos promovidos nas páginas desses periódicos representou uma importante oportunidade para a aquisição de uma reconhecida qualificação cultural e profissional, que lhe garantirá certa autoridade no panorama da cultura e da imprensa sobre educação infantil da época. Em particular, as colunas de “I Diritti della Scuola” [Os Direitos da Escola] representam para Cappelli, como para muitas outras escritoras da época, um verdadeiro exercício de trabalho intelectual. As páginas desse importante periódico tornam-se o local privilegiado de ressonância das principais questões e fermentos que envolvem a escola nacional, com seus principais atores; elas acolhem e alimentam densas discussões teórico-pedagógicas sobre a preparação dos professores do ensino primário, bem como sobre os métodos de aprendizagem da leitura e o ensino da composição. Transmitem, portanto, um eco bastante sensível dos efeitos na escola real das diretrizes dos programas ministeriais, como também das orientações pedagógicas que atravessam a sociedade italiana do final do século XIX e início do século XX. (Bianchini, 2010).

1.2. A recepção e a difusão do *Silabário* nos primeiros trinta anos do século XX

Os méritos atribuídos ao silabário de Cappelli Bajocco por inspetores de ensino e, sobretudo, pela avaliação de professores e professoras do ensino primário em sala de aula residem na adoção de um “critério didático e psicológico” (L. Forte) muito eficaz e em “uma intuição apurada da psicologia infantil” (Mennisi). A “Correspondência Mondadori-Bajocco”, conservada no Arquivo Central do Estado, representa, nesse sentido, um excelente testemunho do valor atribuído à qualidade editorial e, sobretudo, didática do texto da Autora, fornecendo indicações precisas sobre a recepção da sua obra nos ambientes educacionais da época. O *Silabário* é reconhecido, por muitos, pela sua capacidade de envolver com alegria os pequenos alunos no processo de aprendizagem, poupando esforços aos professores. Além disso, ao superar o mecanicismo da leitura e da escrita, as ilustrações facilitam ainda mais a aprendizagem, tornando-se não apenas “um poderoso instrumento de ensino”, mas “consequentemente de desenvolvimento de ideias” (Cappelli Bajocco, *Piccola guida*, p. 6). Os resultados e os efeitos didáticos do primeiro silabário são comprovados por inúmeras avaliações positivas da obra, mencionadas pela Autora no próprio livro. Dignos de nota são alguns dos critérios que a orientaram na sua proposta, totalmente inovadora, do método fonético para a aprendizagem simultânea da leitura e da escrita (D'Ascenzo, 2013): a superação, em primeiro lugar, do método alfabetico e do estudo das letras de acordo com a forma, abandonando a tradicional diferenciação de acordo com o tipo de linhas utilizadas (retas, oblíquas, curvas); a facilitação da aprendizagem através da identificação de cada vogal e consoante “como se fossem uma pessoa real” envolvidas em uma estorinha, combinando sons e sinais; o valor da pronúncia das consoantes de acordo com seu som puro, e não de acordo com o nome das letras; a divisão em sílabas, utilizando vinhetas nas quais a criança descobre, nas palavras que ilustram, o som aprendido; a prevenção de erros, tanto de ortografia quanto de pronúncia, na correção dos defeitos ora naturais, provenientes do sotaque dos dialetos locais, ora adquiridos na escola pelos alunos (Carlucci, 1899); a decomposição lógica em sílabas, feita mentalmente pelo aluno, preparatória para a escrita das palavras por inteiro sob ditado interno; a gradualidade minuciosa na aprendizagem da leitura, sem pressa, evitando cantilena; as referências contínuas ao ambiente que rodeia a criança, na sua realidade concreta, especialmente a do mundo rural; o uso da forma dialógica; os exemplos propostos de palavras e pequenas frases ou contos orais e escritos através da curiosidade suscitada em torno dos nomes de pessoas ou coisas, em torno das qualidades, em torno das ações (realizadas por pessoas ou animais) como excelentes exercícios de iniciação à composição; o reconhecimento gradual das partes variáveis do discurso e da “palavrinha” que precede o nome; a proposição de pequenos pensamentos; o prazer da descoberta através da alegria de aprender quase brincando; o uso de estratégias didáticas, como a dos bonecos nas vinhetas e dos selos que “divertirão muito os alunos”; o valor das ilustrações para facilitar a identificação e a pronúncia das consoantes, das sílabas e das frases.

Mais adiante, voltaremos à análise detalhada da estrutura e da articulação do *Silabário* para destacar a originalidade dos temas propostos às crianças em idade escolar, tanto do ponto de vista metodológico - com a aplicação do método fonético - quanto do ponto de vista do conteúdo, com base nos modelos educacionais adquiridos pela Autora durante sua formação pedagógica.

Aqui, é importante revisitar a trajetória do sucesso editorial do trabalho de Cappelli na época posterior à promulgação dos programas de Lombardo-Radice para a escola primária, na sequência da Reforma Gentiliana, a fim de reconstruir as fases posteriores à sua publicação, no momento marcado pelo trabalho da Comissão Central para a análise dos livros didáticos, inaugurada em 1923 (Ascenzi, Sani, 2005; D'Alessio, 2013).

Entre os textos de leitura aprovados pela Comissão, liderada entre 1923 e 1924 por Lombardo-Radice, na época Diretor-Geral do Ensino Primário, na fase de ampla revisão da literatura escolar anterior às diretrizes dos novos programas, segundo a exigência de uma profunda renovação da qualidade tipográfica, linguística e conteudista de toda a produção destinada a circular nas salas de aula, consta que foi aprovada justamente a série de textos de leitura de Cappelli Bajocco para a primeira, segunda, terceira e quarta séries do ensino fundamental (Ascenzi, Sani, 2005, p. 295). É oportuno o parecer da Comissão, presente na “Correspondência Mondadori-Bajocco”, para se ter conhecimento dos aspectos que determinaram a inclusão dos textos de Cappelli entre os que poderiam ser adotados no ano 1924-25 como “livros considerados bons e igualmente dignos de muita atenção”, embora com a condição de serem reapresentados no ano seguinte, pois “precisam de uma revisão mais ampla, em relação aos problemas”. O parecer expresso destaca:

A matéria científica é apresentada com precisão e simplicidade. No curso, circula um espírito educativo e religioso saudável, a visão da vida não é triste, mas há grande espaço para a resignação e o sacrifício. A forma é correta. Os poemas exprimem sempre imagens delicadas e sentimentos gentis. É louvável o esforço para aproximar as pequenas almas das grandes (Virgílio, Dante, Leopardi). A educação patriótica é muito cuidada, original e eficaz. A edição é ótima.

Cumpre precisar que a série aprovada pela Comissão é a do curso completo de leituras *Api sui fiori* [Abelhas nas flores] para a primeira, segunda, terceira e quarta séries do ensino primário. Não há referência explícita ao primeiro livro de leituras representado, como se pode deduzir da estrutura da coleção, precisamente pelo *Silabário*. Na verdade, o célebre relatório de livros de leitura, proposto por Maria Pezzè Pascolato, ajuda-nos a entrar no cerne das reflexões e considerações sobre a natureza híbrida do silabário, ao qual nos referimos anteriormente. De fato, a relatora se detém, na introdução, justamente sobre a tipologia do silabário, especificando que “não pode ser considerado um livro de leitura: quanto à leitura, ele apenas ajuda o aluno a adquirir a ferramenta” (Ascenzi, Sani, 2005, pp. 276-290). Sobre os primeiros livrinhos “destinados a deixar com as primeiras impressões marcas duradouras para toda a vida”, sendo considerados como primeiro texto, afirma:

Muito depende deste primeiro livrinho que, no mínimo, dará ou tirará a fé nos outros que virão depois, e fará com que sejam levados mais ou menos a sério, e fará com que sejam amados ou odiados. Justamente por serem livros pequenos, nada é pequeno neles, nada é sem importância, como em geral na educação da primeira infância. Tudo deveria ser sereno, puro, bom, enfim, no sentido mais completo da palavra. (Ascenzi, Sani, 2005, pp. 276-277).

Folheando as páginas do relatório, é possível encontrar todos os critérios e limites no âmbito didático levantados pela Comissão em torno desse tipo de texto de primeira alfabetização, elementos que se tornam significativos para avaliar os aspectos positivos, em contraposição, reconhecíveis no trabalho de Cappelli Bajocco. Os primeiros aspectos destacados por Pezzè Pascolato dizem respeito à importância das “formas externas”, ou seja, o tamanho e a variedade dos caracteres, a impressão, a paginação, a qualidade do papel, todos elementos atribuíveis à excelente edição de Cappelli para a Mondadori. Da mesma forma, méritos intrínsecos são reconhecidos na gradualidade dos exercícios, bem como no envolvimento da curiosidade do aluno, e no cuidado de cada mínimo detalhe “com perfeito

senso de medida”. Reconhece-se, portanto, a importância fundamental da relação da criança com o silabário, como “livro único, o verdadeiro texto, sem que outros possam, como nas séries seguintes, distrair, equilibrar, compensar ou corrigir ou remediar” (p. 276). Em particular, são criticados os lugares retóricos, as imagens falsas, o uso de palavras estranhas e difíceis, a adoção de “nomes no silabário” distantes da realidade (Appio, Getulia, Urânia e outros), o uso de versos intercalados na prosa: “imaginhas, conceitinhos, estorinhas, ladinhas em versos”. A intenção da Comissão é também sintetizada pela primeira relatora, que especifica:

acreditamos que devíamos nos limitar a purificar a escola dos piores livros, seja porque estavam cheios de erros e vulgares, seja porque eram falsos e muito convencionais, seja porque eram demasiado precipitados e de uma atualidade limitada e já ultrapassada, seja porque estavam manchados por outros graves defeitos.

Em contraste com os aspectos aqui condenados, as qualidades do silabário de Cappelli emergem claramente, precisamente como fruto de um longo processo preparatório: o cuidado gráfico, didático, conteudista e ilustrativo o diferencia das obras colocadas em circulação de forma apressada por “muitos aprendizes que conseguiram fazer circular, ainda que em pequenas áreas, livros indignos”.

A aprovação provisória para 1924-25 vê posteriormente o curso de leituras em 4 volumes de Cappelli Bajocco receber também a aprovação da Comissão Vidari em 1926, com o seguinte parecer:

Nesta nova edição, a Autora simplificou o curso de leitura retirando trechos excessivos e aproximou-se do espírito dos novos programas. Algumas tentativas de inovação foram discretamente bem-sucedidas, outras menos felizes. Boa a ideia de aproximar as pequenas almas a Virgílio, Dante e Leopardi. Menos bem-sucedida foi a tentativa de personificar as vogais com desenhos esquemáticos, que complicam, em vez de facilitar, o trabalho do professor e dos alunos (Ascenzi, Sani, 2005, pp. 448-449).

Pouco tempo depois, na trajetória que levará à conclusão do trabalho da Comissão Central para a análise dos livros didáticos, após cinco anos favoráveis à renovação da literatura escolar e educacional, o advento do livro único do Estado determinará também o bloqueio da distribuição do volume para a quinta série, que já tinha sido publicado e que acabou sendo destruído. Marcellina Cappelli recusou-se posteriormente a aceitar a carteira do partido fascista.

2. A produção dos silabários a partir dos programas de 1905

Ao longo das últimas décadas do século XIX, desenvolve-se uma tendência particular que reúne entre os autores dos silabários personalidades mais ligadas ao mundo escolar, entre as quais: professores primários, docentes, inspetores de ensino e diretores didáticos, os quais, na sequência das novas oportunidades oferecidas pela participação em palestras no âmbito pedagógico e do ensino primário, começam a dedicar-se à produção de livros. Este foi também o caso da professora Cappelli Bajocco, que se dedicou, durante o ensino, à redação do seu primeiro silabário. Ela produz a coleção dos sete volumes *Api sui fiori* [Abelhas nas flores] entre 1919 e 1923. Anos estes de mudanças radicais em torno dos quais as várias reformas escolares ditam normas e orientações através dos programas escolares. A fim de realizar um estudo cuidadoso deste silabário, é imprescindível analisar os critérios de referência a partir dos

quais a professora forma e molda a sua obra. Assim, percorrendo os anos, os Programas para as Escolas Primárias, aprovados pelo Decreto Real n.º 45 de 29 de janeiro de 1905, representaram certamente uma orientação sólida para a elaboração do novo silabário. A inovação desses programas consiste sobretudo na atenção dedicada à produção de livros didáticos, em contraste, antes desse momento, com a falta de orientações ministeriais adequadas. A imprecisão dos programas do período positivista, revogados para dar lugar aos de 1905, causa, de fato, a circulação de livros didáticos imprecisos, não alinhados com as necessidades dos alunos, com a inclusão de estórias e contos ora muito vagos ora muito caóticos. Os programas de 1905, pelo contrário, depois de terem estabelecido o objetivo da escola como local de exercício para a vida diária do aluno, reafirmam a importância da escolha dos conteúdos dos livros didáticos: conteúdos que, além de responderem às necessidades dos futuros cidadãos, deveriam ser equilibrados e funcionais para as diferentes gerações de alunos. Nasce assim um novo critério pedagógico que, focado na importância do ambiente circundante, afirma, com a introdução da subdivisão dos programas por ano, uma diferenciação dos conteúdos por graus, sem abandonar, porém, o conceito de interdisciplinaridade que devia visar a coesão das várias disciplinas. Assim, nos programas, recomendava-se fortemente que nas aulas de língua italiana fossem abordados também temas relacionados com a moral, a história ou a aritmética. Os autores dos livros didáticos, e neste caso também dos silabários, foram orientados por estas diretrizes a fim de produzir manuais adequados às novas necessidades. No entanto, revendo os programas de 1905, é essencial atentarmo-nos para as instruções relativas ao ensino da língua, que evidenciam o abandono do método alfabético a favor do silábico.

No ensino da leitura, o método alfabético deve ser definitivamente abandonado. Essa recomendação seria injusta para a cultura pedagógica dos professores, se ainda hoje não existissem escolas (poucas felizmente) onde ainda se ensina a soletrar. No entanto, o título de silabário, dado ao primeiro livrinho de leitura em substituição ao antigo abecedário, deveria dizer a todos que até mesmo o nome desse método desapareceu. (Decreto Real n.º 45 de 29 de janeiro de 1905 em “Boletim Oficial do Ministério da Educação” ano 1905, suplemento ao n.º 9, p. 491).

Um fenômeno, na verdade, que se desenvolveu já a partir de meados do século XIX, quando se percebeu que o nome alfabético de cada letra incluía implicitamente sons a mais, comprometendo tanto a interiorização adequada das letras quanto a posterior composição das sílabas e das palavras (Martinazzoli, Credaro, 1910). O silabário começou a ser um elemento essencial na escola, um guia e um acompanhamento para os futuros docentes. Por esse motivo, as instruções em torno dos programas elaborados por Francesco Orestano sugeriam que fosse utilizado em várias ocasiões: os alunos, assim, praticariam a leitura com um método “que vai da silabação à identificação das palavras” (Decreto Real n.º 45 de 29 de janeiro de 1905, p. 492).

Nos programas também se reitera a ideia de um silabário que contenha palavras e conteúdos familiares ao mundo da criança e das suas ideias, não abstratos nem excessivamente complexos, mas com um léxico simples e compreensível para o aluno: faz-se útil que o professor tenha a possibilidade de mostrar objetos, modelos e figuras que representem as palavras encontradas. Além disso, insiste-se em que o silabário não apresente noções e conteúdos inseridos sem critério lógico, mas que seja útil para a formação do jovem aluno, reforçando, como nos outros livros, onde possível, aspectos de ensinamento moral. É importante também fazer referência à fonética: é dada especial atenção à pronúncia correta das sílabas e das palavras, levando o professor a corrigir os erros dos alunos gerados sobretudo pelo típico uso da linguagem dialetal. Também no que diz respeito à escrita, os programas sugerem exercícios realizados primeiro com sinais curtos, depois com as vogais, para chegar,

até ao final da primeira série, à composição de frases curtas. Essas precisões remetem a um método muito utilizado naqueles anos, denominado fono-silábico, que concentra a atenção nos sons de cada fonema e do grafema correspondente, partindo da análise das vogais e das consoantes, para chegar à composição das sílabas. A evolução dos diferentes métodos de ensino da língua levou autores e professores, nesses anos, a optar por uma aprendizagem simultânea da escrita e da leitura.

A simultaneidade da aprendizagem e o uso do método fono-silábico foram temas centrais debatidos durante as primeiras décadas do século XX. Folheando as revistas escolares daquela época, que eram o principal campo de propaganda das publicações de silabários por parte das várias editoras, nota-se a forma particular e recorrente de divulgação da produção desse tipo de livros para o ensino inicial da leitura e da escrita. Analisando as edições de 1908 da revista “I Diritti della Scuola” [Os Direitos da Escola]², vemos frequentemente páginas de promoção de silabários, alguns dos quais produzidos diretamente por professores. Assim, a Sociedade Editora Dante Alighieri de Albrighti, Segati E.C. patrocina o silabário *Torniamo ai campi* [Voltemos para o campo] (Recensioni, 1909, p. 646), enfatizando a prática didática do ensino simultâneo da escrita e da leitura; da mesma forma, a Editora Giacomo Agnelli, de Milão, ao apresentar o silabário criado por Giuseppina Ravasio, inclui a frase “para ensinar simultaneamente a escrita e a leitura, com método fono-silábico e com palavra integral” (Recensioni, 1908, p. 2). A análise das páginas dessas revistas permite-nos muitas vezes remontar à estrutura típica dos volumes. Como referido anteriormente, na parte final encontram-se breves estorinhas:

O silabário é o trabalho de uma professora rural experiente [...]. Está dividido em duas partes: na segunda, ensina-se o uso das sílabas mais difíceis e há uma série de estorinhas e pequenas leituras muito apropriadas para a 1^a série. (Recensioni, 1909, p. 646).

Os silabários, de fato, eram quase sempre estruturados em duas partes: a primeira analisava vogais, semiconsoantes, ditongos, hiatos e, posteriormente, sílabas, enquanto a segunda continha textos narrativos com frases muito curtas. Na inclusão de contos curtos, sempre em conformidade com o que os programas indicavam e, portanto, com referência ao compartilhamento com os alunos de práticas relacionadas com a educação moral, sobretudo pelo método indireto, ou seja, a leitura, é possível intuir os vários temas abordados nos silabários, propostos com o objetivo de fazer com que os alunos adquirissem boas maneiras e civilidade. Assim, surgiram temas de caráter ético: no silabário do professor Giovanni Nicolosi para escolas masculinas e femininas, reforça-se a inclusão de provérbios, máximas morais e noções básicas sobre os direitos e os deveres dos cidadãos (Recensioni, 1909, p. 64). O recurso das editoras à promoção, em primeiro lugar, dos temas tratados pelos silabários demonstra a grande importância dada à educação transmitida desde os primeiros livros didáticos. Geralmente, para explicar temas de educação moral, recorria-se à pedagogia do exemplo, que propunha a ideia de um aluno idealizado, capaz de realizar exclusivamente ações positivas, assim como, no caso das meninas, favorecia-se a imagem da mulher obediente, sempre pronta a cumprir seus deveres de mãe e dona de casa (Barausse, 2014, pp. 18-24). Com o passar dos anos, os temas não foram diferentes. *Lavoro e bontà* [Trabalho e bondade]; *Per la vita* [Para a

² A revista foi fundada pelo professor e diretor didático Guido Antonio Marcati em 1899. Apreciada desde logo como meio de informação para os professores do magistério, centrou-se na renovação da escola primária e na melhoria da condição dos professores na Itália. Contou com a colaboração de personalidades ilustres do mundo pedagógico, entre as quais Ida Baccini, Luigi Capuana e Annibale Toma, que também se tornou diretor (Chiosso, 2019). A revista também publicou artigos da professora e escritora Marcellina Cappelli Bajocco e do seu marido.

vida]; *Fanciulli studiosi* [Crianças estudiosas]: os títulos dos silabários anunciados na revista “I Diritti della Scuola” [Os Direitos da Escola], no ano de 1915-1916, eram denominações que aludiam sempre a um ensino voltado para consolidar os deveres dos futuros cidadãos. Outro aspecto dos silabários dos primeiros vinte anos do século XX consiste na escolha de optar quase sempre por uma aprendizagem gradual; os autores expõem conteúdos, do mais simples ao mais complexo, estudando da melhor forma os critérios para permitir uma aprendizagem adequada da escrita e da leitura, sem esquecer de recorrer ao uso de exercícios úteis para a repetição dos conceitos já assimilados, como se lê no anúncio de um texto produzido por um grupo de professores: “Silabário rigorosamente graduado com muitos exercícios de recapitulação e linguísticos para a educação da mente e do coração”. (Recensioni, 1909, p. 6).

Presume-se que esses aspectos e características tenham orientado a autora Marcellina Cappelli Bajocco na redação do seu primeiro silabário. O texto, porém, foi publicado alguns anos antes da saída do Ordenamento dos graus escolares e dos programas didáticos do ensino primário com Decreto Real n.º 2185 de 1º de outubro de 1923. Esse fato pressupõe, no entanto, já a partir dos anos anteriores, uma inclinação projetada para a oficialização dos novos programas. Em uma condição de renovação historiográfica, não se exclui que a professora tenha levado em conta não apenas os programas de 1905, anteriores à publicação do seu silabário, mas também as novas orientações e práticas que, alguns anos depois, levariam o então Diretor-Geral do Ensino Primário, Giuseppe Lombardo Radice, a redigir os novos programas. Convém salientar que o *Silabário* foi publicado em 1919, mas foi particularmente apreciado pelas Comissões provinciais, pelo editor, pelos professores e continuou a circular nas escolas também nos anos seguintes à sua publicação: isso nunca teria acontecido se não estivesse em conformidade com os programas de 1923. Se nas instruções relativas aos programas de 1905 o *Silabário* é citado em algumas ocasiões, nas diretrizes didáticas de 1923 encontram-se indicações precisas sobre a sua utilização.

Na terceira seção relativa às *Cartas e exercícios escritos de língua italiana* (Boletim Oficial do Ministério da Educação, p. 4611), já de início é reiterada a importância do silabário. Recomenda-se, porém, que não seja usado antes do segundo mês letivo, porque primeiro é necessário iniciar a escrita e a leitura com exercícios preparatórios de pronúncia e manuseio da caneta, do lápis e do giz. Esse conceito, embora não tenha sido retomado nos programas de 1905, foi, todavia, aplicado nos anos anteriores. De fato, em 1909, justamente nos programas detalhados divididos por bimestre, no mês de janeiro aparece finalmente a frase “o professor pode usar o silabário, mas não deve esquecer que a escrita mais eficaz, por enquanto, ainda é a do quadro negro” (Recensioni, 1909, p. 209). No mês de maio, ainda se recomenda o uso do silabário em conjunto com a escrita no quadro negro.

Mas nos novos programas o tempo é reduzido: a partir do segundo mês já é possível usar o silabário, o que não exclui que, mesmo nesse caso, ele represente um instrumento de recapitulação dos exercícios feitos anteriormente no quadro. Os programas de 1923 mostram-nos a importância da adoção dos silabários na primeira série. Uma importância claramente demonstrada a partir da seção *Livros didáticos recomendados ou permitidos para as primeiras séries* (Boletim Oficial do Ministério da Educação, 1923, p. 4643), onde se reitera obrigatoriamente o uso do silabário a ser implementado após pelo menos um mês de exercícios preparatórios. Um aspecto inovador desses programas, provavelmente em sincronia com a liberdade metodológica do professor, é representado pela escolha com base na qual o professor, mesmo tendo necessariamente que usar o silabário, pode decidir quando seja mais oportuno adotá-lo. Tal escolha depende certamente da habilidade do professor em introduzir os primeiros tópicos de forma autônoma, mas também do seu espírito de iniciativa e hábitos em sala de aula.

Mesmo deixando campo livre de ação ao professor, os programas trazem exemplos e recomendações bem precisas sobre a escolha do silabário. De fato, a seção *Leituras e exercícios escritos de língua italiana* expõe dois tipos de condições: o professor mais habilidoso pode, eventualmente, dispensar o silabário durante os primeiros meses, procedendo com seu próprio critério metodológico, mesmo que obrigado a usar posteriormente um silabário rico de leituras breves, mas significativas; ao professor mais inseguro e sem recursos didáticos próprios, por outro lado, recomenda-se o uso, já a partir do segundo mês, de um silabário que contenha uma multiplicidade de combinações, gradualmente aumentadas. A gradualidade e a introdução de leituras breves são temas fundamentais também para esses anos.

As diretrizes dos programas de ensino da língua de 1905 e de 1923 e as características encontradas nos silabários que surgiram nos anos entre as principais reformas permitem analisar o contexto de referência em que se desenvolve a publicação do silabário da professora Marcellina Cappelli Bajocco. De fato, não são poucas as semelhanças entre as características apresentadas anteriormente e os conteúdos de *Api sui fiori* [Abelhas nas flores].

3. Métodos e práticas de ensino da leitura e da escrita: a estrutura do *Silabário*

As formas externas têm uma importância especial na composição dos silabários. Ao analisarem os livros didáticos, as comissões prestam, em primeiro lugar, muita atenção a todos os aspectos relacionados com a forma e a impressão: o tipo e a qualidade do papel utilizado, a paginação, o tamanho e a variedade dos caracteres. Os livros didáticos, e sobretudo os silabários, por serem concebidos para um grupo de crianças em tenra idade, exigem um trabalho minucioso de cuidado gráfico que deve excluir qualquer erro tipográfico (Ascenzi, Sani, 2005, p. 276). O texto de Cappelli Bajocco responde adequadamente a essas exigências. Externamente, a impressão é nítida, clara e limpa, com uma capa sóbria, bem elaborada e elegante. Internamente, ao folhear as páginas, nota-se imediatamente que os caracteres são grandes, bem visíveis para as crianças, claros e amplamente espaçados. A inclinação adequada das letras, apresentadas tanto em letras cursivas quanto em letras de forma, a precisão do espaçamento entre os caracteres, a exatidão do espaçamento entre as linhas, que muda apenas para dividir os parágrafos, mostram o resultado de um trabalho muito cuidadoso produzido pela professora com a ajuda da editora. Marcellina acompanhava pessoalmente e com grande atenção cada fase de produção e seu trabalho contava com a cooperação dos tipógrafos: ela costumava ir às instalações da Mondadori em Oneglia para escolher, página por página, os caracteres certos.

A documentação inédita conservada no Arquivo Central do Estado, em Roma, contém, entre uma infinidade de documentos, as avaliações que a Autora recebeu de professores primários, docentes e diretores pedagógicos após a publicação do seu silabário: é frequentemente reiterado o cuidado que ela dedicou aos aspectos tipográficos do livro. Lê-se, de fato: “O método apresentado com arte, o formato e a clareza da impressão, tudo contribui para torná-lo insuperável” (Natale Gianni, Arquivo Central do Estado (doravante ACS), Fundo Marcellina Cappelli-Bajocco, b. 8-9, 1923) “; e ainda: “Os méritos do silabário *Api sui fiori* consistem na elegância da apresentação tipográfica” (Carlo Giorgio, ACS, Fundo Marcellina Cappelli-Bajocco, b. 8-9, 1923).

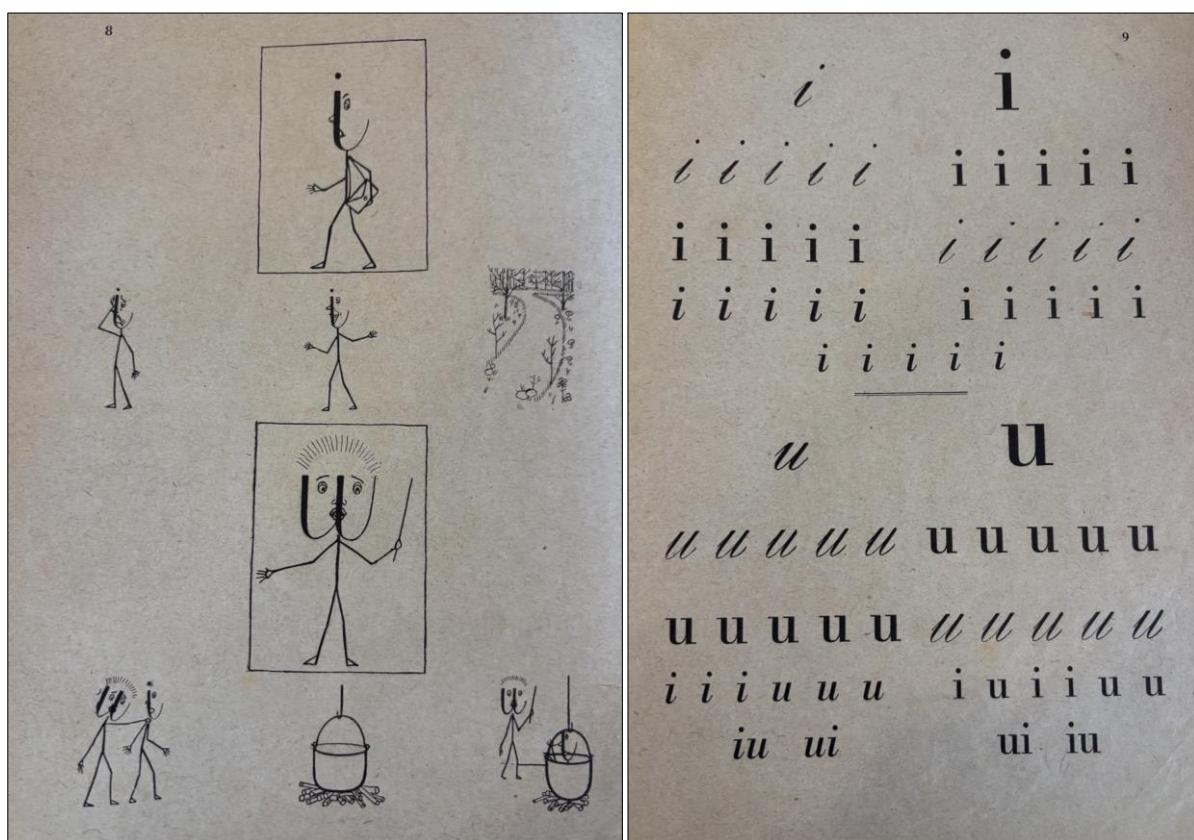
O volume contém 80 páginas: nas quatro primeiras, encontramos um guia bem detalhado que ilustra o método que o professor deve seguir para uma boa utilização do silabário, com explicações e exemplos concretos a serem implementados com as crianças. Em seguida,

são mencionadas de forma sintética as avaliações positivas que Cappelli recebeu de professores e inspetores pedagógicos. As primeiras páginas analisam as vogais e as consoantes com a introdução gradual de períodos curtos. Em seguida, passa-se às sílabas inversas e compostas, para continuar com exercícios progressivos e divertidos de iniciação à composição, enquanto no final aparecem o alfabeto e os selos. O elemento inovador típico deste silabário, que demonstra ainda mais a qualidade dos caracteres tipográficos, consiste sobretudo na presença de numerosas vinhetas e ilustrações a cores que, distribuídas habilmente e subdivididas adequadamente pela mesma largura, completam a fisionomia dos conteúdos. Cappelli, reconhecendo o valor educativo que uma imagem pode proporcionar a todo o processo de aprendizagem da língua italiana, cuida com atenção das atraentes ilustrações, recorrendo à figura de uma profissional no campo da pintura italiana: Emilia Zampetti Nava³. Cada vinheta, concebida para apoiar a aprendizagem de uma letra ou mesmo de uma palavra inteira, é cuidada e produzida nos mínimos detalhes. As ações narradas pelas ilustrações são facilmente reconhecíveis: muitas vezes, através de uma imagem, é possível deduzir até mesmo um ofício específico, como o de tanoeiro.

3.1. “Não só o ABC, mas método e genialidade”

O livro de Cappelli não é um simples silabário: o sucesso significativo que ele obteve é o resultado de muitas ideias geniais que a Autora concebeu para uma aprendizagem sólida, duradoura e interativa da escrita e da leitura. A primeira característica, que permeia quase todo o livro, consiste na escolha de personificar as vogais e as consoantes. Cada letra, através da narração de uma pequena estória, torna-se uma verdadeira personagem. Os contos relativos à introdução das vogais apresentados no pequeno guia são três: nos dois primeiros, a Autora opta por trabalhar na combinação entre duas vogais, enquanto no caso do “E”, provavelmente devido à disparidade das vogais, é apresentada uma estorinha que tem como protagonista exclusivamente a letra analisada. Acontece então que o senhor I, assim chamado porque quando ri e quando chora emite sempre o som i... i... i... , bobinho e preguiçoso, em vez de ir para a escola, um belo dia vai para a floresta; lá encontra um ogro que emite o som u... u... u...; o ogro joga-o dentro de uma grande caldeira que, por sorte, está vazia; o I sai e zomba do ogro (Cappelli Bajocco, *Piccola Guida*, p. 3). Cada vogal desempenha um papel bem definido na estória: o I, o menino, é o protagonista; o U, o ogro, torna-se o antagonista que não consegue o que pretende. Para contar melhor as três estórias, o professor deve usar vinhetas que descrevam com precisão as ações realizadas pelos vários protagonistas. Assim, ganha maior destaque e grandeza a ilustração da personificação das duas vogais, representadas por homenzinhos definidos pela Autora como “bonecos” e, abaixo deles, encontram-se as cenas que descrevem toda a narrativa. Os bonecos, como se pode ver na figura, além de terem o rosto formado pela letra de referência, apresentam sempre um sinal distintivo que permitirá à criança brincar com a imagem.

³ Nascida em Camerino em 1883, mudou-se para Roma em 1900, onde começou a frequentar a Academia de Belas Artes, aluna de Giuseppe Cellini e Camillo Innocenti. Formada em pintura, conheceu Duilio Cambellotti e passou a fazer parte do seu círculo, começando a aproximar-se das artes aplicadas, criando tecidos, móveis, brinquedos e cerâmicas. Casada com o pintor Hector Nava, mudou-se para a Argentina onde ficou até 1919 e, quando regressou à Itália, dedicou-se quase exclusivamente à ilustração e à pintura. Morreu em Roma em 1970.

Figura 1. *Api sui fiori*, p. 8-9.

Com a personificação da vogal, desenvolve-se a identificação desse som específico que, através da visão da ilustração, será então reconectada ao grafema correspondente. Na página seguinte, de fato, é apresentada a letra transcrita em letra de forma e em minúscula cursiva. A introdução gráfica das letras segue paralelamente o curso das vinhetas da página anterior: na parte superior aparecem muitos “I”, na parte central muitos “U”, nas duas últimas linhas temos primeiro a interseção e depois a união das duas vogais para criar os diferentes sons que podem surgir da fusão delas, “iu” ou “ui”. As letras correspondem perfeitamente às vinhetas: o menino I primeiro está sozinho, depois encontra o ogro e juntos criam uma estorinha. Cada letra deve ser identificada com uma referência precisa, como se fosse uma pessoa. Sobre esse aspecto, porém, a Comissão instituída em 1926 para a revisão dos livros didáticos da escola primária apontou uma excessiva complicação do método da professora, pois, em sua opinião, a personificação das vogais com desenhos esquemáticos sobrecregava o trabalho dos alunos e dos professores (Ascenzi, Sani, 2005, p. 448).

Para a introdução, porém, das consoantes, que, assim como as vogais, não são apresentadas em ordem alfabética, não se recorre à narração de histórias, mas a vinhetas bem estruturadas, com o objetivo de orientar o raciocínio da criança para a emissão de um som específico. E assim, para apresentar a letra “B”, aparece a imagem de um cão que late: o som onomatopeico italiano “bau” leva a criança a interiorizar a letra, assim como a imagem da campainha, remetendo a seu típico som “Din Don”, é utilizada para introduzir a letra “D”. É

como se a Autora acompanhasse a criança, por meio de sons conhecidos, até a posição precisa que os órgãos do aparelho fonoarticulatório devem adotar para emitir um som específico.

Ao compor as sílabas, a professora une o som de uma consoante que analisou anteriormente com a personificação das vogais. Para explicar a palavra “rei”, ela incentiva as crianças a entenderem de quantos sons ela é composta e, em seguida, sugere que elas unam o som da roda de fiar, que expressa a letra “R”, com o estrábico, que, nesse caso, define a vogal “E”, pois a estória fala de um estrábico que também é surdo e, quando não entende as ordens do patrão, diz sempre: “Eh? Eh?” (Cappelli Bajocco, *Piccola Guida*, p. 4). Com esse método, percorrendo página por página, da união das vogais e das consoantes nascem as primeiras sílabas e, consequentemente, as primeiras palavras.

O poder das imagens permite que os alunos aprendam com maior facilidade. De fato, na introdução das letras, juntamente com a cena descrita que sugere o som a ser aprendido, aparece sempre na extremidade direita a letra transcrita a que se refere, permitindo assim que os alunos associem um determinado som ao seu sinal distintivo.

Figura 2. *Api sui fiori*, p. 26.



Para introduzir as palavras, por outro lado, a Autora opta por mostrar algumas delas através de ilustrações. Desta forma, permite que as crianças reflitam sobre a palavra identificada e que a relacionem com a imagem representada. Entre as muitas palavras inseridas numa página, apenas seis são representadas pelas vinhetas, aquelas que posteriormente na transcrição serão indicadas em negrito.

Figura n.3. *Api sui Fiori*, p. 18-19.

3.2. Método fonético

A originalidade da professora reside no fato de ter optado por um critério didático totalmente inovador. Com o cuidado especial que dedica à identificação do som, ela inventa um método próprio, definido por ela como “fonético”, que ensina aos alunos a pronúncia correta, procurando, ao mesmo tempo, prevenir erros ortográficos. De fato, com o avançar das páginas, aparecem as primeiras palavras simples, compostas exclusivamente pelas letras já analisadas. Assim, depois de aprender as vogais e os três primeiros sons consonantais presentes no silabário “R”, “T”, “N”, aparecem nas palavras “tortora”, “otturare”; e, prosseguindo nas páginas seguintes, com a introdução das letras “P” e “M”, temos “rompere” e “mietere”.

A particularidade, porém, na apresentação desses termos é expressa pela utilização de uma metodologia específica: para cada palavra inserida no livro está sempre prevista sua decomposição em sílabas. Essa é uma estratégia didática à qual a Autora recorre com o objetivo de facilitar a aprendizagem da escrita: a criança assimila autonomamente práticas relacionadas com o processo de composição adequada das palavras, evitando assim erros ortográficos. Uma novidade importante está no método da Autora, que na maioria das vezes dispensa os professores de terem que explicar as regras, pois, com a decomposição de cada palavra em sílabas, os conceitos são assimilados de forma autônoma pelas crianças por meio de um mecanismo totalmente natural. Mesmo a duplicação das consoantes, apesar de ser apresentada apenas quando a criança já está familiarizada com os sons e com o movimento dos órgãos do aparelho fonoarticulatório, representa um estágio ao qual a criança chega de forma autônoma, por meio de uma lógica que permite evitar erros ortográficos. No entanto, se a criança cometer erros de duplicação, o professor deve conversar com ela sobre a decomposição precisa em sílabas e, se necessário, sobre a origem da letra que a criança acrescentou ou omitiu por engano. Cappelli Bajocco, embora reconheça o potencial que a

divisão em sílabas oferece à aprendizagem da língua, recomenda vivamente aos professores que, desde a primeira aula, transcrevam sempre as palavras no caderno sem decomposição, uma vez que a divisão em sílabas será, de qualquer forma, uma operação que a criança realizará autonomamente na própria mente.

Também no que diz respeito à leitura, o aluno é orientado a pronunciar corretamente as palavras. No caso de sílabas compostas, o último som consonantal deve ser mantido pelas crianças até a emissão da sílaba seguinte; se necessário, o som consonantal pode ser repetido infinitamente, de modo a fazer ouvir apenas a consoante, sem o habitual e prejudicial “e” final. Automaticamente, qualquer outra sílaba pode ser acrescentada a essa sílaba, mas a palavra estará correta.

Por exemplo, ao ler a sílaba tor, o som da consoante pode ser prolongado indefinidamente: rrrrrrrr... mas ele sempre se unirá à segunda sílaba, seja to, seja re, e se fundirá com ela de modo que se tornará tor to ou tor re, e não torre to ou torre re. (Cappelli Bajocco, *Piccola Guida*, p. 5).

Ela admite, portanto, que é preciso prevenir o erro, pois se a criança conhece a incerteza, dificilmente será capaz de superá-la. O método fonético tende a eliminar o maior número de dificuldades, previne o erro e desenvolve uma ortografia correta.

3.3. “Um passinho atrás do outro”

A produção dos silabários a partir do século XIX cresceu exponencialmente. Folheando as revistas do ensino primário das primeiras décadas do século XX, que constituíam o principal campo de propaganda das produções das várias editoras, nota-se frequentemente a referência a um aspecto específico: a gradualidade dos conteúdos incluídos no silabário. De fato, os anúncios geralmente destacavam a frase “Silabário rigorosamente graduado”. (“I Diritti della Scuola”, 1915).

Cappelli Bajocco adota uma gradualidade minuciosa que se ramifica ao longo de todo o livro. A introdução com as vogais, a escolha de inserir uma consoante no lugar de outra, as palavras que se tornam cada vez mais complexas e que avançam do conhecido para o desconhecido, respondem a um critério metodológico bem articulado, no qual aparece um fio lógico sutil que permite que as crianças aprendam, adicionando diariamente um passo a mais no caminho de aprendizagem da língua.

Depois de introduzir as vogais, a professora opta por tratar uma consoante de cada vez e, ao lado delas, coloca, porém, palavras formadas exclusivamente pelas sílabas já estudadas anteriormente. À medida que as páginas avançam, o léxico torna-se cada vez mais articulado, composto, portanto, da variedade de letras. Mesmo no interior de cada página, são apresentadas previamente palavras formadas por poucas e simples sílabas, para chegar a palavras mais articuladas, compostas também por hiatos, ditongos ou tritongos: de “re” passa-se a “poverina”, de “tifo” passa-se a “Aurelia”. Nas últimas páginas, são apresentados as sílabas e os sons mais complexos, como: ci -ge- stra- sple-chi-sgo-ghi. As duplas, como referido anteriormente, são introduzidas e repetidas gradualmente a partir da explicação da terceira consoante, depois que as crianças já começaram a praticar os primeiros sons.

A última consoante analisada é o H, pois seu som é um dos mais difíceis. Isso não exclui que, antes do seu aparecimento, haja períodos formados pelo verbo “avere” [ter], caso em que a Autora utiliza o sinal “à”: “Alfio à fatto un tuffo nel fiume” [Alfio deu um mergulho no rio] ou “Anna e Ettore ànno i nonni” [Anna e Ettore têm avós]. A explicação do verbo “avere” e do consequente uso da letra “H” ocorre em segundo lugar, utilizando a ideia de posse. Além disso, também são analisados os artigos e o uso do apóstrofo: a gradualidade do simples ao complexo permite ao professor progredir passo a passo na condução dos alunos à leitura e à escrita simultaneamente.

Por fim, “o silabário tem como maior mérito a introdução gradual da composição escrita, que geralmente é negligenciada na primeira série” (Marcello Ciancaglini, ACS, 1920). De fato, aparecem muitos exercícios simples que incentivam os alunos a produzirem suas primeiras frases simples. Por meio dessa abordagem, as crianças conseguem colocar por escrito seus primeiros pensamentos.

3.4. “Aprender deve ser sempre uma alegria”

A Autora, na produção do seu silabário, concentra desde logo seus esforços na atenção dada à psicologia infantil. Cada aspecto, gráfico e conteudista, é concebido para ser funcional à tenra idade das crianças. O recurso a estorinhas para introduzir as vogais, as imagens ricas de representações de crianças que brincam e se divertem, a inclusão de poemas curtos e envolventes, o léxico que remete a nomes típicos de animais: são todos elementos que aproximam ainda mais a criança da apreciação do livro. É importante considerar que o texto foi publicado por uma jovem mãe e, de fato, emana: “uma ternura quase maternal, um sopro de suave frescura, vivacidade e poesia, uma experiência da infância e da escola impregnada de amor e vivo interesse pelo progresso de todas as crianças” (professora anônima, ASC, 1920). O silabário, nesse caso, através do sentimento que expressa, torna-se um amigo da criança, mas também e sobretudo do professor, que nele encontra uma sólida orientação para as aulas de leitura e escrita: “é uma alegria para as crianças e uma bênção para nós, professores, poupano-nos de um esforço enorme” (professora Albina Lastrucci Montecchi, ASC, 1920).

Os métodos e práticas típicos deste livro geram nas crianças a alegria de todo o processo educativo, que se traduz em uma facilitação efetiva da aprendizagem da escrita e da leitura. As crianças apreciam com felicidade o método utilizado e superam com facilidade e rapidez todas as dificuldades, pois são conduzidas com alegria e entusiasmo a ler corretamente e a saber escrever seus primeiros pensamentos ingênuos. A Autora incentiva os alunos a aprenderem, não apenas através de exercícios práticos, realizados com o auxílio do silabário e do quadro, mas também através de jogos e brincadeiras reais por ela criados. Por exemplo: para conhecer mais precisamente o sinal das vogais, a Autora incentiva os professores a desenharem bonecos no quadro e, em seguida, a pedirem às crianças que apaguem primeiro os braços, depois as pernas, etc., ficando assim exclusivamente o sinal da letra seguido de um distintivo que cada vogal possui, com base na estória. Ou ainda, a idealização de selos, ou seja, duplicatas das vinhetas já utilizadas para a explicação das consoantes (ver figura 2), que permitem que as crianças brinquem com a composição de palavras simplesmente sobrepondo-as umas às outras. Essas atividades permitem que os alunos aprendam e se divirtam ao mesmo tempo, sem os submeter a esforços excessivos, e tornam-se verdadeiros jogos e brincadeiras que, ao mesmo tempo, consolidam os conhecimentos já assimilados.

A particularidade da Autora reside no fato de ter introduzido na prática do ensino da escrita e da leitura um método agradável e interativo, apoiado por práticas e temas lúdicos capazes de levar em conta a mudança em curso na maneira de conceber a infância. “A feliz intuição das necessidades e dos gostos das crianças torna o livro semelhante a um lago límpido no coração das crianças, que se reflete alegremente” (professora primária Delia Tonchi, ASC, 1920). Nesse sentido, o relatório dos livros didáticos para a escola primária do ano 1924-1925 denunciava a presença, na maioria dos silabários, de temas excessivamente tristes, com cenas horríveis de crianças que morriam na solidão, de crianças que assistiam ao funeral de suas mães, pais e avós ou que eram abandonadas e obrigadas a procurar pão no frio e no gelo (ASCENZI, SANI, 2005, p. 283-284). Os temas, nesse caso, tomam um rumo diferente:

Nina queria uma boneca
 alta, alta.
 A mãe deu-lhe uma irmãzinha
 de verdade.
 Nina ficou muito feliz e disse:
 Vou amá-la muito, muito.

Nota-se, portanto, uma evolução, em contratendência com a maioria dos silabários típicos da segunda metade do século XIX e, em parte, das primeiras décadas do século XX. Nas páginas do *Silabário*, encontram-se várias referências a expressões curtas que evocam a bagagem de valores éticos aos quais se referiam os escritores de livros escolares, empenhados em propor modelos educacionais inspirados na burguesia do século XIX. Cappelli destaca as boas práticas, procurando valorizar o amor e a ajuda ao próximo, a lealdade, a importância da família, a alegria de viver. Mesmo nos pequenos trechos inseridos nas páginas pode-se ler: “sejam amorosos com os avós”, “Barbara está feliz. O papai voltou” ou “pensem sempre nas crianças órfãs”. Provavelmente um aspecto que foi apreciado pela Comissão dos livros didáticos de 1924-1925, que denunciava ardenteamente os silabários ainda construídos sobre sentimentos como a maldade e a inveja (Ascenzi, Sani, p. 284). Contudo, é necessário reiterar, mesmo que em menor número, que não faltam referências a cenas mais melancólicas: encontram-se também crianças que perderam a mãe prematuramente ou crianças doentes que sofrem. É o caso de Camillo, que está com febre e só conseguirá se recuperar tomando o remédio amargo (Cappelli Bajocco, p. 64). A pedagogia do exemplo (Barausse, 2014, p. 20) norteia intensamente toda a obra da professora. Procura-se elogiar os bons alunos da primeira série que levam boas notas para casa, assim como se repreende a criança prepotente e travessa.

Além disso, a Autora, mesmo utilizando um método interativo apreciado pelos alunos e que torna alegre o aprendizado, não se esquece de ir além do círculo infantil, procurando aproximar as crianças de temas que serão úteis para seu futuro. O vocabulário, as frases e os poemas curtos remetem frequentemente para a natureza, as atividades campestres e a laboriosidade do trabalho: “arar”, “ceifar”, “torno”, “amieiro”, “amolador”, “tintureiro”, “lavadeira”, com a inclusão de termos difíceis de compreender: “borla”, “réu”, “alaúde” ou “flauta”. Mas, na realidade, Cappelli não se afasta de um costume típico daqueles anos, que incluía termos complexos ou mesmo nomes próprios particularmente estranhos como “Oddo”, “Plinio” ou “Gesa”. Por outro lado, no *Silabário* não faltam referências a eventos históricos, precisamente sobre a reivindicação territorial após a Primeira Guerra Mundial, como se lê em: “Viva Trento e Trieste italianas!”. A Autora não deixa de mencionar também os nomes das principais cidades da Itália, para promover um primeiro conhecimento dos temas relacionados com a educação patriótica, que os cursos de leitura deviam, naqueles anos, necessariamente abordar. (Relatório da Comissão Ministerial para a análise dos livros didáticos a serem adotados nas escolas primárias, 1926, p. 619).

A inovação da Autora reside na sua capacidade de proporcionar aos alunos as competências necessárias para ler e escrever, bem como elementos básicos de educação moral, sem, no entanto, os aborrecer. E assim, no final do *Silabário*, lemos uma espécie de dedicatória: “Livrinho bonito e querido, Você me fez feliz, Tanto que o alfabeto não me pareceu amargo. Agora preciso te deixar, Mas meu carinho por você não morrerá. Meu querido amigo, como te agradecer? ” (Cappelli Bajocco, 1919, p. 75).

Conclusões

A experiência de Marcellina Cappelli Bajocco, entre as carteiras escolares, nos ambientes educacionais e nas redações editoriais, encontra no *Silabário*, que acabamos de analisar, um dos textos publicados pela Mondadori destinado a numerosas reimpressões, em resposta ao sucesso obtido. O livro reflete plenamente as transformações das publicações escolares-educacionais das primeiras décadas do século XX na Itália: em razão da nova sensibilidade voltada para a mentalidade infantil no “século da criança”, como também da mais refinada e qualificada produção de aprimoradas formas editoriais que acompanharam o desenvolvimento da literatura para a educação infantil.

Em particular, a obra de Cappelli Bajocco reflete os conteúdos didáticos e morais transmitidos por este tipo de textos escolares que circulavam nas salas de aula italianas desde a Unificação até ao ocaso da era liberal, encontrando-se, em particular, no *Silabário* uma natureza híbrida peculiar: instrumento de alfabetização básica, para a aprendizagem da leitura e da escrita através de metodologias eficazes e inovadoras, e de primeiro contato com modelos morais e formativos.

Referências

- ASCENZI, Anna; SANI, Roberto (Orgs.). *Il libro per la scuola tra idealismo e fascismo. L'opera della Commissione Centrale per l'esame dei libri di testo da Giuseppe Lombardo Radice ad Alessandro Melchiori (1923-1928)*, Milano: Vita e Pensiero, 2005.
- BARAUSSE, Alberto. *I maestri all'Università. La Scuola pedagogica di Roma (1904- 1923)*. Perugia: Morlacchi, 2004.
- BARAUSSE, Alberto. *Il libro per la scuola dall'Unità al fascismo. La normativa sui libri di testo dalla legge Casati alla riforma Gentile (1861-1922)*, v. 2, Macerata: ALFHABETICA, 2008.
- BARAUSSE, Alberto. Learning to read and write in Italy in the second half of the nineteenth century. Primers and reading exercise booklets: publications, ministerial control and teaching (1861-1898). *History of Education & Children's Literature*, v. IX, n. 2, p. 109-149, 2014.
- BIANCHINI, Paolo. *Le origini delle materie. Discipline, programmi e manuali scolastici in Italia*. Torino: SEI, 2010.
- BORRUSO, Francesca. Piccole donne crescono. La letteratura didattico-morale per la gioventù femminile. *History of Education and Children's Literature*, v. VII, n. 1, p. 557-574, 2012.
- CARLUCCI, Gennaro. Insegnante nelle scuole italiane di New-York, *Come s'insegna il sillabario ossia didattica infantile ad uso dei maestri e delle maestre della 1ª classe elementare*. Torino: Direzione del Giornale L'Unione dei maestri e G.B. Paravia, Roma-Firenze-Milano-Torino-Napoli. [1899?].
- CHIOSSO, Giorgio. *Alfabeti d'Italia. La lotta contro l'ignoranza nell'Italia unita*. Torino: SEI. (specie ID., *I libri di testo e l'editoria scolastica*, p. 265-307), 2011.

CHIOSSO, Giorgio. La stampa pedagogica e scolastica in Italia tra Otto e Novecento, *Revista História da Educação*, v. 23: e84270, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/84270>

D'ALESSIO, Michela. La professione docente in Italia meridionale nel primo Novecento. L'esperienza del maestro Ialenti in Molise. *Rivista di storia dell'educazione*, v. 4, n. 2, p. 325-340, 2017.

D'ALESSIO, Michela. "Una biografia collettiva degli educatori italiani degli ultimi due secoli". Note a margine del seminario di studi Educatori e istituzioni scolastiche in Italia: percorsi, bilanci e prospettive d'indagine (Potenza, 26 novembre 2015). *History of Education & Children's Literature*, v. XI, n. 2, p. 589-598, 2016.

D'ALESSIO, Michela. *A scuola fra casa e patria. Dialetto e cultura regionale nei libri di testo durante il fascismo*. Lecce: Pensa Multimedia, 2013.

D'ASCENZO, Mirella. *Col libro in mano. Maestri, editoria e vita scolastica tra Otto e Novecento*. Torino: SEI, 2013.

DE BLASI, Nicola. L'italiano nella scuola. In SERIANNI, Luca; TRIFONE, Pietro (Orgs.). *Storia della lingua italiana. I luoghi della codificazione*, v. 1, Torino: Einaudi, p. 383-423, 1993.

DE VIVO, Francesco. Intorno all'insegnamento del leggere e dello scrivere, *Rassegna di Pedagogia*, v. XXIII, p. 28-43, 1965.

DI POL, Redi Sante. *Cultura pedagogica e professionalità nella formazione del maestro italiano. Dal Risorgimento ai giorni nostri*. Torino: Sintagma, 1998.

GASPARINI, Duilio. *Da Ickelsamer a Comenio: il metodo fonico e il primo abbecedario illustrato*. Roma: Armando, 1984.

GENOVESI, Giovanni. Leggere e scrivere, che fatica! Apprendimento della lettura e della scrittura nei primi quaranta anni unitari, in *La scrittura. Fare scuola*, n. 6, p. 51-70, 1987.

ITALIA, MINISTERO DELLA PUBBLICA ISTRUZIONE. *Bollettino Ufficiale del Ministero dell'Istruzione Pubblica*, a. 1905, supplemento al n. 9.

ITALIA, MINISTERO DELLA PUBBLICA ISTRUZIONE. *Bollettino Ufficiale del Ministero dell'istruzione pubblica*, a.1923, n. 51.

LOMBARDO RADICE, Giuseppe. *Lezioni di didattica e ricordi di esperienza magistrale*. Firenze: Sandron, 1951.

LUCCHI, Piero. La prima istruzione. Idee, metodi, libri. In BRIZZI, Gian Paolo (Org.). *Il catechismo e la grammatica. I. Istituzioni e controllo sociale nell'area emiliano romagnola nel Settecento*, Bologna: Il Mulino, 1985.

LUCCHI, Piero. La Santacroce, il Salterio, il Babuino. Libri per imparare a leggere nel primo secolo della stampa, *Quaderni storici*, n. 38, p. 593-639, 1978.

MARAZZI, Elisa. L'editoria scolastico-educativa e la ricerca storica. Il caso italiano. *Società e Storia*, n. 138, p. 823-851, 2012.

MARINELLI, Ascenso. I libri di scuola. In Id., *Alcuni saggi di lingua parlata su vari argomenti didattici e letterari*, Napoli: Morano, p. 110-115, 1880.

MARTINAZZOLI, Antonio; CREDARO, Luigi (Orgs). Voce Sillabario. *Dizionario illustrato di pedagogia*. v. III N-Z, Milano: Vallardi, p. 525-527, 1910.

MARTINAZZOLI, Antonio; CREDARO, Luigi (Orgs.). (1910). Voce Metodi per insegnare a leggere. *Dizionario illustrato di pedagogia*. v. II-M, Milano: Vallardi, p. 527-530, 1910.

RACCUGLIA, Salvatore. *L'insegnamento della lettura. Storia critica dei metodi usati per insegnare a leggere*, Palermo: Sandron, 1893.

REBELLATO, Elisa. *Mondadori: catalogo storico dei libri per la scuola: 1910-1945*. Milano: FrancoAngeli, 2008.

RECENSIONI. In: *I Diritti della Scuola*, anno X, n. 48-49, Roma 5 ottobre 1909, p. 64.

RECENSIONI. In: *I Diritti della Scuola*, anno X, n. 46-47, Roma 15 settembre 1909, p. 646.

RECENSIONI. In: *I Diritti della Scuola*, anno X, n. 1, Roma 11 ottobre 1908, p. 2.

RECENSIONI. In: *I Diritti della Scuola*, anno X, n. 15, Roma 24 gennaio 1909, p. 209.

RECENSIONI. In: *I Diritti della Scuola*, anno XVII, n. 6, Roma 14 novembre 1915.

Riferimenti archivistici

ARCHIVIO CENTRALE DELLO STATO (ACS), Fondo Cappelli-Bajocco Marcellina 1900-1954 ca, b. 2 Pubblicazioni e loro genesi, st. 8-9, “Giudizi entusiasti su *Api sui fiori*, parte originali, parte copiati a macchina”, “Giudizi ministeriali su *Api sui Fiori*”.